

O LEGADO DE

# FLORBELA ESPANCA

CONTOS E POEMAS INSPIRADOS EM SUA OBRA



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

# ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR



Copyright © por Autores  
Projeto editorial por Ademir Pascale  
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores  
Obra protegida por direitos autorais  
2021

Patrocínio:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# Sumário

**CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS**

- Introdução: Por Ronaldo Ventura, pág. 04**  
**Tristeza, por Amanda Saldanha, pág. 06**  
**Lágrimas de chuva, por Amanda Saldanha, pág. 08**  
**Corpos dóceis e insubmissos impulsos, por Ana Leticia, pág. 10**  
**Colcha de Retalhos, por Andresa Callegari, pág. 15**  
**A moça e a árvore, por Brunno Vianna de Andrade, pág. 17**  
**A Flor, a bela que espanca, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 19**  
**Minha existência, por Elessandra Marisa Ferrari Gazola, pág. 22**  
**Chegará Ele na Primavera, por Francielle Manini, pág. 24**  
**Soneto de saudade, por Francielle Manini, pág. 26**  
**Eu e outros Eus, por Gilda Portella, pág. 28**  
**Feito do mesmo barro, por Gilda Portella, pág. 31**  
**Amor de cisma, por Kátia Surreal, pág. 33**  
**Clausura, por Kátia Surreal, pág. 35**  
**Liberdade, por Maria Eduarda Ferrari Gazola, pág. 37**  
**A Moça do Bosque, por Pedro Guastelli Fadini, pág. 39**  
**Ruiva, por Pedro Guastelli Fadini, pág. 42**  
**Sangrou, por Lunara, pág. 44**  
**Mulher bela, por Rozz Messias, pág. 46**  
**Cheiro de caramelo, por Sandra Silva, pág. 48**  
**Tempo, por Sandra Silva, pág. 50**  
**Bela reinvenção, por Sônia Barreto Freire, pág. 52**  
**Caminho, por Vânia Pontes, pág. 54**  
**Conheça outros títulos da coleção, pág. 56**

**Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale**  
**E-mail: ademirpascale@gmail.com**

**VISITE:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)**



# INTRODUÇÃO

## Morder como quem beija!

Nascida na madrugada de 08 de dezembro de 1894, na afastada vila de Viçosa, Alentejo, Florbela Espanca morreu na primeira hora de outra madrugada, a de 08 de dezembro de 1930, em Matosinhos, terminando no seu aniversário, uma curta vida de 36 anos. Tempo suficiente para nos deixar uma obra imortal.

Aqueles que me têm muito amor  
Não sabem o que sinto e o que sou...

Mulher de temperamentos e humores ansiosos e oscilantes. Também era um ser humano generoso, inteligente ao extremo e com sensibilidade à flor da pele, perspicaz, e uma grande sedutora – talvez, sem nem ao menos tentar; pois, embora constantemente a rondasse, a solidão nem sempre fez parte do cotidiano da poeta.

Guardar assim, fechados, nestas mãos,  
Os beijos que sonhei pra minha boca!

Ela era alegre, divertida, intensa, sensível e contestadora. Mas também era perturbadora. Às vezes, tomada por sinceridade desconcertante, Florbela Espanca polemizava com declarações contundentes acerca de temas variados. Versando por vezes em tons enigmáticos, quase ingênuos, em uma retórica fluente e verborrágica.

Eu sou a que no mundo anda perdida,  
Eu sou a que na vida não tem norte,

Teve uma carreira conturbada e uma vida pessoal tumultuada, marcada pela depressão, pelas doses exageradas de remédios e de esperanças vãs, por crises psicológicas e por uma sexualidade publicamente assumida. Entretanto, ela era muito mais do que isto. Foi uma mulher de atitude, com um intelecto que surpreendia qualquer um que a julgasse apenas como uma rebelde.

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens!

Além de sua liderança implícita e de sua genialidade da raça, Florbela Espanca deixou um legado de integridade artística. Ela esquadrinhou seus cantos pessoais mais ocultos com a sinceridade dos que põem a alma pela boca. Pelos dedos. Em dezenas de páginas de papel e tinta. Sua alma foi um livro sempre disponível para ser aberto e lido. Pena que, em vida, pouca gente o quis.

Ao descobrir a poeta, me encantei com a sua voz, sua sensibilidade e sua música escondida em partituras visíveis aos meus olhos. Em verdade, ela nunca foi embora, está aqui, forte, o tempo todo. O que pedimos, nós que aqui escrevemos, é a oportunidade de dividirmos nossos corpos e palavras, contigo. Num brinde!

Florbela adoraria isso!



**Ronaldo Ventura**  
Escritor e Dramaturgo  
Dirigiu e escreveu "Diário do Último Ato" – espetáculo  
que apresenta as últimas horas de vida da  
poeta Florbela Espanca

**APRESENTAMOS O POEMA**

*Tristeza*

**POR AMANDA SALDANHA**

**Formada em ciências jurídicas pela Fundação Escola Superior do Ministério Público, Amanda é natural da cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul e escritora da página de instagram Coração sem cercas.**

“[...]E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio,  
A mesma angústia funda, sem remédio,  
Andando atrás de mim, sem me largar!

Florbela Espanca

Quando a tristeza bate a minha porta,  
às vezes, eu ainda a deixo entrar.

Na esperança de que acabe a solidão,  
de não te ter mais entre as pernas.

É contraproducente eu sei,  
mas prefiro a mágoa ao vazio.

E desde que partiu,  
não me resta mais nada  
é tudo oco e frio.



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Lágrimas de chuva*

**POR AMANDA SALDANHA**

**Formada em ciências jurídicas pela Fundação Escola Superior do Ministério Público, Amanda é natural da cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul e escritora da página de instagram Coração sem cercas.**

“[...]E as lágrimas que choro, branca e calma

Ninguém as vê brotar dentro da alma.

Ninguém as vê cair dentro de mim!”

Florbela Espanca

As lágrimas da chuva me banharam,

e eu não me importei com me molhar.

Tanta dor já passou pela minha pele,

a água doce vai fechar essas feridas.

Seu choro sabe que estou perto do fim.

Eu engulo todo meu sofrimento.

E a chuva chora por mim.



**APRESENTAMOS O CONTO**

# *Corpos doces e insubmissos impulsos*

**POR ANA LETÍCIA**

**Indisposto para começar mais uma segunda-feira de trabalho, um jornalista especializado em matérias policiais, José Gomes, conhecido em muitos vilarejos nos confins do Brasil admite sua própria natureza após uma rápida prosa com um assassino procurado em todo o Pernambuco. José finalmente passa a entender que não existe vida comum fora do desânimo.**

**Ana Letícia é uma jovem escritora independente e exímia entusiasta das artes. É graduanda em Direito, pesquisadora de Gêneros e Sexualidades, feminista e defensora dos direitos humanos.**

Segunda-feira, 15 de novembro de 2012.

**N**aquele momento, quando atendi o telefonema vindo da sala, o sol, tímido, já transparecia o dia. Meu costume odioso de virar dias e noites desde sexta-feira sempre pesavam. Ainda embriagado, me aprontava para enfrentar mais um pacato plantão digno de direção do Sir Alfred Joseph Hitchcock. Na chamada, o superintendente seccional responsável pela cobertura de fatos ocorridos no município de Igarassu, situado na região metropolitana de Recife. O doutor ordenava que aquela seria minha área de cobertura da semana, ele ligara com urgência informando que dali uns 30 minutos, receberiam um foragido bastante procurado nos últimos meses. Evento dos grandes, com direito a entrega espontânea do bandidinho.

Ao desligar a linha, apertei o pé e segui rumo ao destino. Chegando lá, o prédio estava vazio, com cerca de dois ou três gatos pingados, troca de turno era sempre assim. Os policiais da segunda aos poucos iam chegando. O delegado, como de costume, chegou atrasado, mas sempre exigia minha presença logo ao raiar do dia, nem sempre era obedecido, mas eu me esforçava. O meu falho faro jornalístico logo percebeu um homem sentado na calçada alta da delegacia, magro, mal acabado, de pele preta e cabelos crespos. Vestido com roupas sociais, meio desconfiado, de cabeça baixa, sacudia as pernas levemente e segurava as próprias mãos.

– O senhor está à espera de alguém?

– Tô não, senhor.

– Cê chegou agora? Viu se apareceu alguém mais cedinho?

– Não, senhor. Tô no aguardo do hõmi, o delegado.

– É assunto sério? Estou aguardando o homem também.

– Sério num é, não. Eu vim me entregar aí.

Logo, minha suspeita estupidamente preconceituosa havia sido confirmada, era ele!

Em seguida, perguntei se poderíamos conversar acerca de suas demandas e me apresentei formalmente como repórter investigativo, afinal, havia sido chamado ao local para apurar o ocorrido e nada sabia a respeito do crime cometido, a única informação prévia era de que o investigado finalmente se entregaria. O moço hesitou ao responder, mas concordou com a prosa.

Fui em sua direção e sentei ao seu lado, acompanhado de meu velho bloco de notas e uma caneta falha.

O crime era hediondo, porte ilegal de arma de fogo, esta utilizada para matar o próprio irmão, dono de algumas propriedades em um povoado da cidade, informou-me que tinha enterrado o corpo do irmão dentro do quarto da falecida mãe, embaixo de uma velha cama, numa impensada tentativa de se livrar dos vestígios do ato impiedoso e plenamente pensado. Detalhou tudo com calma, riqueza de detalhes e um requinte de tristeza na voz, que embargada parecia querer falhar certas horas. Disse ainda que após o crime decidiu fugir, sem saber para onde.

Alegou com os olhos fixados no chão que seres malignos o acompanhavam semanas antes de assassinar a própria carne, disse ter ouvido vozes durante seguidos dias que o impulsionaram a cometer tal ato. Comentou que “Era o maligno, coisa do cão, só pode”, em tom mais agitado. Contou-me que a família era toda evangélica, com muitos seguidores da doutrina adventista e por isso, havia optado por cometer o crime numa tranquila tarde de sábado. Naquele dia, sabia que todos os familiares estariam em suas casas e que o irmão havia se divorciado há pouco tempo e por isso, morava só.

O moço contou que após o feito, buscou esconderijo em Ipojuca, uma pacata vila de pesca no interior de Pernambuco, ninguém sabia nada ao seu respeito no local. Caiu como um andarilho lá pelos cantos. Mas, a impensada fuga esbarrou na curiosidade de um antigo amigo do irmão, que em uma tarde de quarta-feira, o encontrou no velho barraco onde se escondia e avisou para toda a comunidade. O vilarejo logo organizou para tortura-lo e mata-lo logo na manhã do dia seguinte, clamavam por justiça, em nome de Deus.

À noite ele soube e na madrugada encaminhou-se rumo a um barco que usava para a pesca, atravessou o litoral, chegou na estrada e encaminhou-se para Recife, pediu auxílio de alguns comerciantes para se entregar para polícia. Foi então que o delegado da cidadezinha foi informado e combinou de então receber o criminoso. Ele havia chegado ali antes mesmo do amanhecer.

–Tem medo de morrer, certo? Afinal, logo decidi fugir. Acha que é mais fácil se entregar?

– Já não trabalho com medo da morte, sei que ela é certa. Meu irmão era homem influente, foi vereador por aqui, era o filho que tinha dado certo.

O homem manteve o olhar no meu bloco de notas e apertou as mãos, com as roupas sujas, finalmente o reparei de fato e percebi uma série de roxuras em suas mãos, unhas roídas e sapatos cheios de manchas de barro.

– Você se arrepende?

E assim, antes que o criminoso entregue pudesse me responder, o delegado finalmente chegou para o expediente e pediu para que eu vos aguardasse na entrada da delegacia. O silêncio virou costume e ao levantar para ser levado à sua sentença, o interrogado me agradeceu por escuta-lo. Em seguida, disse ao delegado que ficaria aguardando ali e logo mais, ligaria pessoalmente a ele para coletar mais detalhes, a fim de comparar versões.

As horas se passaram, peguei a papelada que haviam deixado no balcão e retornei para casa, a cabeça ainda vagando na angústia do criminoso e na dor que ele poderia ter causado. Insana infelicidade, sempre me arrancavam algo às segundas de manhã. Mas logo a notícia se perdia, suprimida por outras coisas horríveis. Eu sempre narrava tragédias propostas por miseráveis que assim como eu, buscavam uma crença real, obtendo o desânimo como o dono de todas as nossas células. Florbela Espanca, em “A Minha Tragédia” assim divagou:

***“Tenho ódio à luz e a raiva à claridade do sol, alegre, quente, na subida. Parece que a minha alma é perseguida por um carrasco cheio de maldade!”***

Conto inspirado no poema “A Minha Tragédia”, de Florbela Espanca.



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Colcha de Retalhos*

**POR ANDRESA CALLEGARI**

**Andresa Callegari é natural de São Paulo-Capital. Formada em Ballet Clássico pela Escola de Ballet Manon Freire Giorgi. Estudou Piano na Escola de Música Blue Note. Técnica em Decoração de Interiores pela Escola Oficina de Artes. Atualmente cursando Filosofia na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Acadêmica na ACILBRAS – Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil - Cadeira 659/ Acadêmica na ALB – Academia de Literatura Brasil – Cadeira nº 80/ Acadêmica Internacional na FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – Cadeira 109 Patrona Florbela Espanca.**

Nos pedacinhos da minha história

Sigo costurando minhas memórias

Fragmentos de uma vida, entre lágrimas e alegria.

Dos sonhos que surgiam, na inocência da menina.

Nas linhas da minha alma, quiseram os Deuses tecer o meu destino.

Magnânima e atemporal.

Ensejo e capricho.

Pristino senhorial.

Na infância de fábula e fantasia.

Despontava-se os passos da bailarina.

Na ciranda do tempo,

Bailavam a dança e a poesia que nascia.

Dei movimento em notas musicais, transformei lágrimas em versos, dedilhei poesia nas  
teclas do piano.

Sigo costurando lembranças, remendando recordações.

Quando a gélida apatia do esquecimento chegar, no inverno das emoções,

Encontrarei alento no calor da resenha costurada em minha colcha de memórias.



**APRESENTAMOS O MICROCONTO**

*A moça e a árvore*

**POR BRUNNO VIANNA DE ANDRADE**

**Microconto que procura descrever por meios poéticos o sentimentalismo na figura de Florbella Espanca, a comparando com uma árvore, presente em sua literatura.**

**Historiador nascido no Rio de Janeiro. Publicou três livros de forma independente, participou de centenas de antologias e venceu alguns concursos como o Concurso Literário Machado de Assis (2008), o VIII Concurso Internacional La Vida es Poesía (2016), o I Concurso Literário de PoEsIa InStAnTâNeA (2016), Em 2020 foi selecionado no Prêmio Devair Fiorotti de Literatura, promovido pela Universidade Federal de Roraima e também participou de projetos como Estado Poético, do governo do Estado do Rio de Janeiro.**

**N**a terra do fado há uma torre que se agiganta a cada vez que abrimos os olhos e a cada página lida. No alto da torre há uma moça que corre. É bela, magra e triste. Tem nome de flor. A moça observa uma árvore, também bela, magra, branca e triste. Não se sabe quem é mais triste ou se a moça e a árvore são espelhos uma da outra. A moça pensa que é anjo. A árvore não sei o que pensa. A moça estanca, abre os braços três vezes lentamente e em um passo se esvai. Cai feito flor e espanca na Literatura essa tristeza só sua de existir.



**APRESENTAMOS O POEMA**

*A Flor, a bela que espanca*

**POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES**

**A poesia é uma homenagem à poetisa portuguesa Florbela Espanca, destacando no decorrer dos versos brancos que a compõem um diálogo com as características da obra e da vida da escritora, bem como intertextualizando a outras figuras literárias que rememoram o suicídio.**

**Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.**

Ah, bela...

Nasceste em Flor  
que chora em versos  
cantos de amor  
e de melancolia d' alma.

Espantaste os males  
de quem no coração descolore  
uma paixão que não arde  
não é quente – o ardente, o bastante  
para acender o calor que aquece  
nas manhãs de sol  
nas manhãs de chuva  
nas manhãs cinzentas  
a alma.

Foste a composição dos novos versos  
despertos inconscientes  
da amargura dos relacionamentos de ser mulher.  
Revestiste o corpo caído  
três vezes com roupa nova  
para a chegada do novo amor  
livrando-se dos apertados e doloridos abraços  
que não confortavam mais o colo e os braços  
nos momentos mais singelos dos dias.

O choro da tua alma cantaste  
um canto das dores  
sentidas por outras flores  
despetaladas pelos jardins da vida  
por mãos indelicadas e insensíveis  
que não escutam as batidas dos corações

das estrelas que vivem andando na Terra.

Tua poesia pintou pedaços da tua vida  
descrevendo a tela do teu pensamento  
mansamente pelos traços tristes dos teus sentimentos  
sobre o papel.

Foste a mensageira das sensações dolorosas  
de teu próprio ser, até Eco se calou  
para ouvir perfeitamente o som do teu pranto de dor.

Ah, Flor...

O hino que fizeste para cantar tua vida  
hoje é a voz ecoada por todas as demais flores  
que choraram por ti, quando decidiste por tu mesma partir.

Agora,  
habitas a torre de Ismália  
conversas ao cair das cerejeiras com Ofélia  
quando a shakesperiana desperta  
a alma calma das águas do rio  
Enquanto tuas irmãs estrelas despertam lá céu  
sob o brilho da grande Lua,  
para todas escutarem conosco aqui em teus livros,  
teu canto de vida, na morte.



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Minha existência*

**POR ELESSANDRA MARISA FERRARI GAZOLA**

**Elessandra é uma professora de Educação Infantil, Pedagoga, Pós-graduada em Psicopedagogia e Gestão. A partir das experiências de chão de sala de aula e vida pessoal está dando asas aos sentimentos que a vida lhe proporciona, se alimentando dos acontecimentos para dar sentido aos seus escritos. Tem alguns projetos de livros sendo desenvolvidos e elaborados com muito carinho. As histórias infantis e poesia são os ensaios preferidos desta sonhadora e iniciante escritora.**

Como olhar para trás?

Onde se encontra minha coragem?

Difícil conviver

Difícil reviver tanta tristeza e desilusão

Basta uma gota de orvalho

Uma pérola transparente que escorre pelas folhas

Para fazer-me recordar quantas lágrimas já senti rolares pela face

Porque nada é para mim

Nada me revela luz

Tudo me conduz para túneis de erros e más escolhas

Quem sou eu?

Sou a tristeza personificada

A alegria trancafiada e condenada

Proibida de fazer-me rir.



**APRESENTAMOS O POEMA**

# *Chegará Ele na Primavera*

**POR FRANCIELLE MANINI**

**Francielle Manini é estudante de Letras-Português da Unilasalle - Canoas RS. É autora do Blog "Delírios In-versos" (<https://deliriosin-versos.blogspot.com>) de conteúdo totalmente autoral, escreve poemas, crônicas, músicas e contos desde 2008.**

Chegará ele na primavera  
Primavera própria ele será  
Desta alma solita em espera  
Breve solita espera findará

Me quedo distraído imaginar  
Sonhando de olhos abertos  
Miragem, raio vívido iluminar  
Manás vertendo dos desertos

Demônios internos adormecem  
Lirismo harpista me invade  
Entoa em mim largo sorriso

Razão e juízo estremecem  
Doçura em mim, liberdade  
Em teu abraço, o paraíso



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Soneto de saudade*

**POR FRANCIELLE MANINI**

**Francielle Manini é estudante de Letras-Português da Unilasalle - Canoas RS. É autora do Blog "Delírios In-versos" (<https://deliriosin-versos.blogspot.com>) de conteúdo totalmente autoral, escreve poemas, crônicas, músicas e contos desde 2008.**

Tenho tido pra reclamar uma saudade  
Desta distância teimosa que se chora  
Meu cálido penar transborda soledade  
Vertente que minh'alma jamais ignora

Tanto conformista vejo-me sem espanto  
Louvando Amor - um Deus sem modéstia!  
No canto de todo pranto, meu pranto eu canto  
Na arte a alegria que me é minha fina réstia

Nestes versos adocicados que a ti componho  
Memorando tua alva tez, macio jasmim  
Segura no querer por desconhecer um findo

Despojo a tristeza, em esperança me ponho  
Noite e dia, teu pensamento chega a mim  
Nesta ternura eloquente que abraça o infinito



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Eu e outros Eus*

**POR GILDA PORTELLA**

**Gilda Portella – (Barra do Garças/MT, 1969) é artista visual e textual, pós-graduada em História. Vive e trabalha em Cuiabá (MT). Em 2020 participou do Suplemento Acre 019 Edição (MG); Revista Itan pelo Selo Literário ITAN (Cuiabá/MT); Revista D-Arte de Londrina N 12; Revista Ligeiro Guarani 10/12; estará na Revista Calunga em janeiro 2021. Capas de livros 2019: "Homens de Ferro, Mulheres de Pedra" de Bruno Rodrigues, Appris; "Cristão do Terceiro Milênio: um convite ao mergulho interior" de Filipe G de Freitas.**

Fragmentos Eus  
Pedaços Multifacetados  
Disformes de reencontro e desencontro  
Desejo desconstruído  
Encantamento que seduz e fere  
Aprisiona e liberta  
Oração que sangra  
Pesa o Mistério da Vida  
Destinos traçados ou escolhidos?  
Tormentos da alma  
Escrever sobre macrocósmico  
Sentir microcosmo  
Oposições metafóricas  
“Quem Sou”? “Para que”?  
Realidade esquizóide  
Convento e Casamento  
Nascer e Morrer  
Vaidade e Pecados  
Amor Fantasia Atemporal  
Recheada de Ilusão e Solidão  
Espaço tatuado no Tempo  
Aqui e Agora mistura  
Mortos passados e futuro  
Imensidão dos sentidos  
Expõem a fragilidade  
Dores da alma  
Vãs e mudas  
Voz e Desejo invisível  
Lágrimas Ocultas  
Angústia existencial  
Será culpa dos Signos

Cartografia de *FlorBela*  
Estagia no Inferno Astral

**APRESENTAMOS O POEMA**

*Feito do mesmo barro*

**POR GILDA PORTELLA**

**Gilda Portella – (Barra do Garças/MT, 1969) é artista visual e textual, pós-graduada em História. Vive e trabalha em Cuiabá (MT). Em 2020 participou do Suplemento Acre 019 Edição (MG); Revista Itan pelo Selo Literário ITAN (Cuiabá/MT); Revista D-Arte de Londrina N 12; Revista Ligeiro Guarani 10/12; estará na Revista Calunga em janeiro 2021. Capas de livros 2019: "Homens de Ferro, Mulheres de Pedra" de Bruno Rodrigues, Appris; "Cristão do Terceiro Milênio: um convite ao mergulho interior" de Filipe G de Freitas.**

Mendigo que há em mim  
Saúda o pedinte que há em ti  
Assaltante contido nos meus eus  
Vibra na tua freqüência ladra  
Bêbado errante em mim  
Caminha junto ao seu cracudo  
Freqüento o prostíbulo  
Por que minha carne  
Sente o teu cheiro  
Meus delírios de loucura  
Visitam a tua insanidade leviana  
Meus pecados e erros  
Se ligam ao teu fardo de culpas e medo  
Arrogância entremeada de mim  
Senta e ceia  
Junto aos teus flambados vaidosos  
Reconheço a âncora que nos aprisiona  
Vejo a roda do leme em outras mãos  
Sinto as escotilhas se fechando  
A lua ilumina mares de paixões, vícios e ódios  
O farol indica caminhos que desconheço  
Quilha nos travestirá na roupagem de libélula  
Ouço transgredir-me  
Transmutada em flor de maracujá



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Amor de cisma*

**POR KÁTIA SURREAL**

**Kátia Surreal é a mãe da gata Bibi, escritora e professora. Quando nasceu, a lua de sangue pingou bem do alto do céu. Era uma sexta-feira 13, Dia Mundial do Rock. Contatos:  
Blogue poético: <https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com/>  
Instagram: [https://www.instagram.com/katiasurreal\\_/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/katiasurreal_/?hl=pt-br)**

não sei apagar da memória  
meu doentio amor de cisma  
amor que apavora e devora  
as trevas da alma tísica

meu amor de cisma é um vento vazio  
que entrou pela janela do quarto  
não te alcanço no remoinho das ilusões  
e me rendo à solidão, velando o descompasso

só que nem sei ainda apagar da memória  
este infindável amor de cisma  
e escrevo em silêncio as ideias mórbidas  
seguindo a vida em falsidades rítmicas

não sei se nisso há uma lógica  
fechar-me as janelas e as portas  
ah, mas quem desconfia?  
Ataraxia...



**APRESENTAMOS O POEMA**

# *Clausura*

**POR KÁTIA SURREAL**

**Kátia Surreal é a mãe da gata Bibi, escritora e professora. Quando nasceu, a lua de sangue pingou bem do alto do céu. Era uma sexta-feira 13, Dia Mundial do Rock. Contatos:  
Blogue poético: <https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com/>  
Instagram: [https://www.instagram.com/katiasurreal\\_/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/katiasurreal_/?hl=pt-br)**

na amarga desventura  
adoço-me na clausura  
de escrever o que não se vive  
das prováveis canalhices

liberto-me em clausuras  
que a arte apazigua  
um estranho recomeço  
arranhando em lisura

na infernal aventura  
que não vivo, mas me reconheço  
a clausura é treva em que me atrevo  
ficção da vida que se desmesura.



**APRESENTAMOS O POEMA**

# *Liberdade*

**POR MARIA EDUARDA FERRARI GAZOLA**

**Maria Eduarda é uma estudante que está em busca de ingressar em uma faculdade. Desde pequena sempre esteve em contato com a leitura, o que se faz presente até hoje: guerreiros, mulheres fortes, magia e romances fazem parte de seu mundo, juntamente com a poesia, que se tornou algo essencial em sua vida.**

Estou farta desse enfado  
Desse ritmo que segue compassado  
Como se minha natureza selvagem  
Fosse de algum modo aprisionada  
Pois é impossível de ser domada

Quero sentir meu corpo voejar  
E ver meu sonho se realizar  
Almejo sentir meus pés fluirem no verde  
e sentir o frescor da brisa me abraçar

Ainda que acorrentem meus braços  
Silenciem minha amarga e rouca voz  
Sempre se ouvirá a esperança gritar  
O urro de liberdade que crepita sem cessar





**APRESENTAMOS O POEMA**

*A Moça do Bosque*

**POR PEDRO GUASTELLI FADINI**

**Em suas odes, ele traduz em verbos intrincados as emoções mais aflitas e caliginosas, descasa com a lírica cativa, expurga a ardilosa deleitação e escarra no júbilo. Mergulha no marasmo, trilhando em meio ao pretume, atraído pelo morbífico.**

Sentada no bosque ela sonhava  
Com seu amor perfeito  
Sorrindo ela o desejava e esperava  
Imaginando como seria o momento de sua chegada

Não aguardava um príncipe encantado  
Tampouco um ser abastado  
Somente alguém a suprir sua necessidade  
Única e singela, de amar e ser amada pela eternidade

O romântico lírico e poético  
Afável, gentil e rodeado de afeto  
A quem mantivesse a chama da paixão sempre acesa  
Onde estivessem se inflama a cópula em mente e essência

Sentada no bosque ela sonhava e sorria  
Entrelaçando seu dedo sob seus belos e cacheados cabelos  
Pela face expressando ternura e devaneio  
Neste sonho acreditando com fissura e anseio

Sentada no bosque ela sonhava...  
Pobre menina, iludida ela fantasiava  
Até o bosque foste fruto de sua imaginação  
Necessidade de suprir uma forte frustração

Debruçada em um lugar sem vida

Com as mãos a cobrir seu rosto e sua vista

Ela chorava e se agonizava

Perdida entre árvores mortas e rondada por corvos

Vagando sob esperança mórbida e inalcançável

Ai que dó, ai que dó

Quem dera eu munido de tudo aquilo que ela tanto almeja

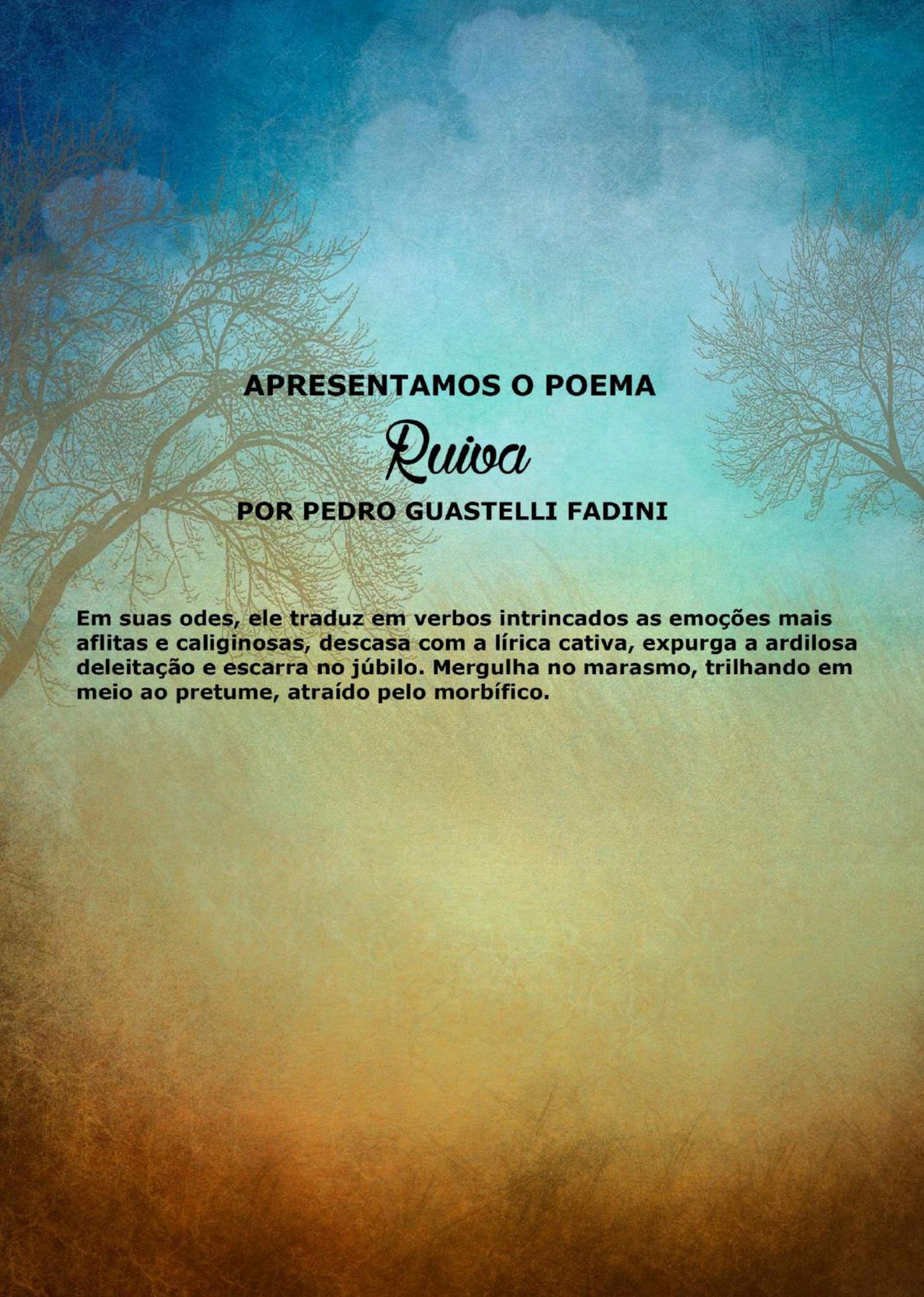
Fosse seu bem-amado a dar-te todo romantismo e beleza

Pena isso estar bem distante do que conhecemos como realidade

Lamentas meu ser pois é constante o apuro de ocultar este romancismo desprezível e incompreendido

E caminhar aflito na alma por estas ruas de crua veracidade e benevolência ignorada





**APRESENTAMOS O POEMA**

*Ruiva*

**POR PEDRO GUASTELLI FADINI**

**Em suas odes, ele traduz em verbos intrincados as emoções mais aflitas e caliginosas, descasca com a lírica cativa, expurga a ardilosa deleitação e escarra no júbilo. Mergulha no marasmo, trilhando em meio ao pretume, atraído pelo morbífico.**

Moça dos cabelos de chama  
tu me despertas imenso ardor  
A ti meu coração ainda clama  
por onde andas com este fulgor?

Qual és a essência em enternecer-me  
Quando encaro tua efélide e brígida face?  
Eu Te encontro nas urbes e nas planuras  
E Me encanto no tangível e nas caricaturas

Você é a dona deste profundo desejo  
Em vivenciar contigo o único ensejo  
Desta ânsia deveras intrincada no sobrevir  
Urge ver-te na ilusa veleidade deste porvir

Neste penoso e angustiado fardo  
Sinto-me escravo, um ser rasado

Talvez vassalo sob ânsia tirana

Mero deslumbre agora tão ominoso...  
...bandeou num arraigado venenoso

Nada mais parece ter cintilância

A não ser...  
...na mais doce e genuína prognose  
Caminhar em inarrável bosque  
Vislumbrar teu descalço chispar  
E deleitar a mim um sorriso e olhar



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Sangrou*

**POR LUNARA**

**Rosangela Mariano (Lunara) é formada em Letras (Português/Literaturas) pela Unisinos, RS. Tem participações em diversas Antologias Poéticas e escreve artigos para jornais locais. Faz parte do site Artistas Gaúchos. Em dezembro de 2020, o conto Os olhos da vovó e o poema Embriaguez Poética (homenagem à poetisa Cora Coralina) são selecionados para a Revista Digital Barbante. A poesia Retrato recebe Menção Honrosa pela Revista Ecos da Palavra, na Antologia Cruzando Entre Linhas.**

Ontem,  
numa cadeira,  
silenciosamente,  
sentei...  
E... esqueci-me  
de mim  
mesma!  
Pobre sombra  
de um passado remoto.

Ontem,  
esquecida  
de que te amei,  
Olhei  
dentro do  
meu coração...  
E ele  
sangrou  
por  
ti...



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Mulher bela*

**POR ROZZ MESSIAS**

É contista, poeta e antologista. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, de "Papai, Tem Monstro?", "Entrelaçados", "Ao Seu Encontro", "Encontro com a morte", "Contos de suspense e de morte", "Lamentos Noctívagos" e "Poetizando. Premiada três vezes pelo Concurso Literário de Colombo e outra pelo Conectando Saberes, participa de mais de 40 antologias de contos e poesias. Organizou a trilogia "Lendas pelo mundo" pela Dark Books e Idílico Concílio pela Edições e Publicações.

Mulher que passa  
Pálida e de olhos baixos  
O que carregas dentro de si?  
Quantas dores se adivinha  
Tristezas de amores perdidos  
Saudades e sonhos incompreendidos  
Mulher bela  
O que trazes dentro de si?  
Tantos contos de belas fadas  
Amores ofertados à príncipes  
E recusado por reis  
O que resta em ti?  
Sentimentos perdidos, esquecidos  
Mulher bela, cheia de saudades  
Repleta de impossibilidades  
Quem és tu?  
Forte para caminhar ao lado da dor  
Forte por não recusar o amor  
Enrola-se em tristeza e saudade  
Asas de borboleta arrancadas  
Por punhais cravados  
Feridas curadas com unguentos  
Mulher repleta de sentimentos  
Mulher bela, cheia de cicatrizes  
Mulher que grita por noites longas  
Sem ninguém ouvir  
Mulher, apenas mulher  
Carregando sonhos e mágoas em si...



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Cheiro de caramelo*

**POR SANDRA SILVA**

**Sandra Silva – Poeta e Artista Plástica, nascida em Brasília, em 1970. Membro do grupo Celeiro Literário Brasiliense. Atualmente dedica – se as artes, fazendo participações em saraus, concursos literários e exposições. Recentemente participou da Exposição “Selva Sem Lei”. Está com sua primeira obra literária em fase de publicação.**

Quero ser fugidia das horas insanas  
Em que teu cheiro de doce de caramelo  
Amordaça a minha boca  
Quero ser fugidia das horas em que me deixa louca  
Para provar desse gosto  
De sentir prazer em espanto.





**APRESENTAMOS O POEMA**

*Tempo*

**POR SANDRA SILVA**

**Sandra Silva – Poeta e Artista Plástica, nascida em Brasília, em 1970. Membro do grupo Celeiro Literário Brasiliense. Atualmente dedica – se as artes, fazendo participações em saraus, concursos literários e exposições. Recentemente participou da Exposição “Selva Sem Lei”. Está com sua primeira obra literária em fase de publicação.**

Não tenho mais a pele macia de rosa-canina

Nem os lábios escarlates de menina

Rubros são os meus sonhos

Macias são minhas fendas

O tempo eu carrego nas mãos.



**APRESENTAMOS O POEMA**

*Bela reinvenção*

**POR SÔNIA BARRETO FREIRE**

**Sônia Barreto Freire é Licenciada em Educação Artística-UFPB, Bacharel e Mestre em Filosofia - UFPB. Fez Doutorado em Filosofia na UNICAMP, tem Pós-doutorado na UNICAMP e Pós-doutorado na Universidade de Évora-Portugal em 2020. Professora e Pesquisadora da UFS até 2013 em Cursos de Graduação e Programas de Pós-graduação. Assina diversos artigos é Coautora em diversas Coletâneas. Publicou o livro infantil *Casaquinho Azul* e a *Bisa Bibi* em 2020 com texto e ilustrações da autora. É Consultora Educacional. Para mais informações ver <http://lattes.cnpq.br/0067590435029172> <http://praxis.ubi.pt/subp/pag/people>**

Queria reinventar o teu instante  
Ver em cada espelho a face esquecida  
Encontrar a vontade banida  
Preencher espaços vazios de vida...

Queria arrancar marcas do teu olhar  
Fazer-te mais tempo sem segredos  
Perceber relógios sem medos  
Fazer dos espaços brinquedos...

Queria ver-te uma vez bela menina  
Feliz nos jardins da velha Vila  
Ouvir-te calma falando de dor  
Com fina textura em versos de amor...

Queria ouvir-te com a voz de agora  
Ver teus olhos plenos de poesia  
Aventurar-se na luz clara do dia  
Existir com saudade, amor e melancolia...



**APRESENTAMOS O POEMA**

# *Caminho*

**POR VÂNIA PONTES**

**VÂNIA PONTES - Pseudônimo: Menina da Luz Encantada - natural da cidade de Ipueiras-CE. Doutoranda em Psicologia pela UFC. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela UVA. Graduação em Letras e Direito. Advogada OAB/CE, professora universitária e gestora pedagógica do Curso de Bacharelado em Direito da FAL. Autora de coletâneas de contos e poesias.**

Estou no meu lugar de fala,  
E falo sobre esse lugar na vida,  
Que sigo a caminhar tão bela,  
Cujo mundo sempre me convida.

Para falar o que sinto todo dia,  
E sentir o que falo para o vento,  
Me fazendo caminhar na alegria,  
E escutar o meu Eu cata-vento.

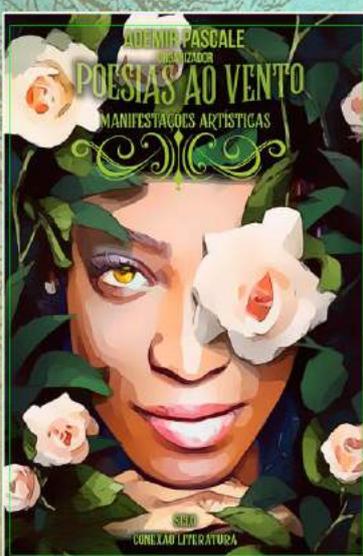
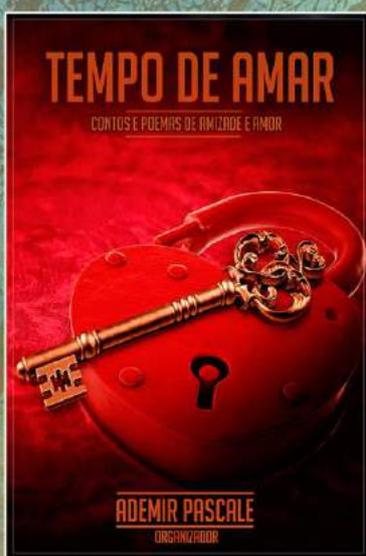
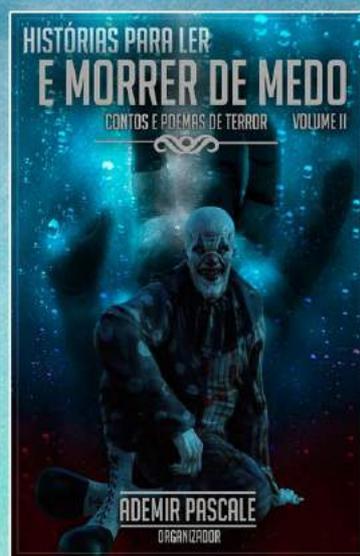
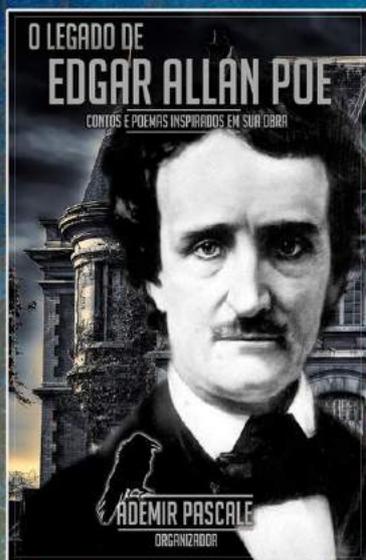
Caminho para o amor mais inteiro,  
Que me toma por todos os cálices,  
Com o encanto, que não tem roteiro,  
Bastando o amante tocar minhas faces.

Com ofegante respiração caminho,  
Seguindo o mapa do corpo belo dele,  
Que me faz deusa com seu carinho,  
E de repente sigo e mergulho nele.

Quando vejo já caminho no bálsamo,  
Do amor espiral que se veste de mim,  
Em um giro de um encontro que amo,  
Onde entro em outro caminho sem fim...



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**